

CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DE ESQUECER DOM QUIXOTE

*Eunice T. Piazza Gai**

Abordar uma obra como **Dom Quixote** exige algumas observações iniciais óbvias a respeito das dificuldades inerentes ao fato de ser o que é: um texto com mais de quatrocentos anos de existência e uma tradição crítica suficientemente vasta para situá-lo entre os primeiros mais comentados da literatura ocidental.

Os grandes artistas de todos os tempos e os mais eminentes pensadores ocuparam-se de **Dom Quixote**; Heine, Goethe, Schiller, Borges, Dostoiewski, Thomas Mann são alguns exemplos significativos que fazem parte da tradição crítico-literária da novela cervantina. Sua influência é incalculável, vista como uma espécie de obra matriz, iniciadora do romance moderno.

Heine considera que ela é o primeiro verdadeiro romance da literatura ocidental. O fato de ser escrito em prosa é inédito, pois, até então, os poetas escreviam suas obras em verso, mesmo as narrativas, sendo a epopeia o gênero mais prestigiado. Como Cervantes escreve uma narrativa em prosa, Heine concluiu que o verdadeiro tema de **Dom Quixote** é “a derrota da poesia pela prosa”; o “Cavaleiro da Triste Figura” é o último representante da poesia, derrotado pela implacável prosa da realidade; o poeta também se refere ao “humour” cervantino como fator de equilíbrio entre o ridículo e o melancólico: Dom Quixote cai de seu cavalo Rocinante. Isso nos faz rir, mas, ao mesmo tempo, tal fato não deixa de ser melancólico (1987).

* Professora Doutora UFSM.

São múltiplas as possibilidades de leitura da obra, já apontadas pela tradição; ao lado de explicitarem as características que lhe são inerentes, também contribuem para a sua cristalização mítica.

A primeira parte do Quixote apareceu em Madrid, em 1605 e a segunda, também em Madrid, dez anos mais tarde; cada uma dessas partes intitulou-se, respectivamente: **El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha** e **El ingenioso caballero Don Quijote de la Mancha**. Em 1614, um ano antes da publicação da segunda parte, apareceu o **Quixote** apócrifo, assinado por Alonso Fernandes Avellaneda, escritor falsário que pretendia aproveitar-se da fama de que já era objeto o de Cervantes. O texto apócrifo tornou-se apenas parte do anedotário histórico-literário, embora alguns críticos tenham reconhecido nele algum valor. A segunda parte do Quixote contém diversas alusões ao fato e Cervantes empenha-se em estabelecer as diferenças entre os dois livros. No prólogo, refere-se diretamente à questão e diz que se o leitor espera vinganças e vitupérios ao impostor, ficará desapontado, pois prefere deixar ao próprio pecado a tarefa de o castigar. Não deixa, entretanto de manifestar um sentimento de profunda queixa ao considerar as agressões de que fora alvo. Diz:

O que não pude deixar de sentir foi que me apodasse de manco e de velho, como se estivesse na minha mão demorar o tempo, que parasse para mim, ou como se eu tivesse saído manco de alguma rixa de taberna, e não do mais nobre feito que viram os séculos passados e presentes e esperam ver os vindouros (II, p. 449).

O nobre feito a que se refere é a batalha de Lepanto, da qual participou como soldado espanhol. Além desse fato, outros, da vida de Dom Miguel de Cervantes Saavedra, merecem ser assinalados devido à importância assumida no contexto da obra. Nasceu em 1547, em Alcalá de Henares, estudou em Sevilha e Madrid; foi discípulo de Juan Lopes de Hoyos, um dos grandes eruditos daquele tempo, com tendências erasmistas; o erasmismo, baseado nos ensinamentos do humanista Erasmo de Roterdam, preconizava um catolicismo tolerante e crítico, posição defendida também em relação a outros fatos da vida social e individual. Ao voltar à Espanha, após participar da famosa batalha de Lepanto,

Cervantes foi aprisionado por piratas turcos da Argélia, tendo permanecido cativo por cinco anos. Este fato de sua biografia é ficcionalizado no capítulo XL, da primeira parte de **Dom Quixote**. Após ser libertado, de volta à Espanha, por um determinado período, os fatos de sua vida são pouco conhecidos; há conjeturas de que tenha vivido como pícaro. Por suas atividades quase quixotescas foi preso várias vezes e excomungado; na prisão escreveu **Dom Quixote**. Morreu em 23 de abril de 1616, velho e pobre.

Em 1613 publicou as doze **Novelas exemplares**, uma de suas obras principais; dedicou-se também à poesia e ao teatro; no fim da vida escreveu **Pérsiles y Segismunda**, um grandioso romance de cavalaria, cheio de aventuras fantásticas e em estilo grandioso, próprio do gênero.

Dom Quixote compõe-se de episódios diferenciados, cada qual com situações específicas. Em termos gerais, o assunto da novela pode ser assim estabelecido: Dom Quixote é um fidalgo de poucas posses que vive na Mancha; seu nome "real" é Quijada, Quesada ou Quijana; segundo o narrador, há apenas conjeturas a respeito do nome verdadeiro; sendo este ou aquele, tal fato não intervirá na narrativa. A personagem, a partir de suas múltiplas leituras de novelas de cavalaria, "perde o juízo" e resolve armar-se cavaleiro; escolhe um nome: Dom Quixote; toma armas e sai pelo mundo com o intento de estabelecer a justiça, vingar os injuriados, proteger as damas e os desvalidos, realizar o bem, conforme os ideais preconizados pela cavalaria andante da Idade Média. Dom Quixote providencia cavalo, a quem dá o nome de Rocinante, não antes de ter passado vários dias a meditar sobre qual seria o nome mais adequado, armaduras, cerimonial, além de um escudeiro, um agricultor pobre de sua vizinhança, de nome Sancho Pança, a quem promete o governo de uma ilha; elege também uma amada para encomendar sua alma e pensamento nas horas difíceis; a dama chama-se Aldonça Lourenço, uma agricultora rústica das proximidades a quem, entretanto, dá outro nome: Dulcinéia del Toboso; o cavaleiro atribui-lhe qualidades de fina e educada dama.

Dom Quixote e Sancho seguem pelos caminhos da Mancha, uma região plana e poeirenta, povoada por camponeses pobres; nas estradas, os tropeiros montados em mulas param, às vezes, nos albergues ou ven-

tas, onde se oferece pão, cebolas e um vinho azedo. Mas Dom Quixote não vê a realidade dessa forma: traveste-a com a roupagem daquela existente nas novelas de cavalaria e, assim, onde há um albergue modesto, ele vê um castelo, onde há moinhos, vê gigantes, nas moças de programa, vê finas damas, etc.

Sancho, no entanto, adverte constantemente o amo sobre seus enganos. Sancho só tem olhos materiais, jamais se engana sobre a consistência efetiva do “real”. Já houve quem considerasse Sancho e Dom Quixote os dois lados de uma mesma medalha: o homem comum que existe em todos nós e o idealista fantástico. Acreditamos, entretanto, que as duas personagens representam maneiras diferenciadas de relacionar-se com o mundo: aquele é o homem do povo, cujo senso comum serve para prevenir o amo a respeito de sua possível “loucura”; este é o idealista que, a partir do seu interior, concebe o mundo sob outros parâmetros. Porém, à medida que ambos vão convivendo, o escudeiro assimila as idéias do quixotismo e passa a utilizar-se dos mesmos argumentos para explicar certas circunstâncias de sua vida.

Todos os episódios têm sempre o mesmo enfoque: o idealismo enganado pela realidade dos fatos. Dom Quixote pensa ter salvo o criado André da injusta surra que estava levando; ao virar as costas, porém, o patrão redobra o castigo.

A segunda parte da novela inicia com a terceira saída de Dom Quixote e Sancho, que continuam seguindo em busca de aventuras. Do capítulo XXX ao LXIV, trecho que corresponde ao desenvolvimento da comédia da felicidade, os protagonistas assumem um outro estatuto: o de personagens históricos. Isto se dá através da inserção, no plano ficcional, de fatos não ficcionais. O autor se utiliza da fama já adquirida pela primeira parte do Quixote e faz as demais personagens reconhecerem-nos. Por breve tempo. Sancho se torna governador da Ilha Baratária e esse episódio é ficção dentro da ficção, porquanto constitui tão somente o fruto da brincadeira que os duques inventaram para divertir-se.

Ao final, depois da sua derrota como cavaleiro e de muitas desilusões, Dom Quixote abandona as aventuras e pretende seguir o caminho da Arcádia. Naturalmente, é muito tarde; é preciso recobrar o juízo, pois

a morte se aproxima.

Dom Quixote é uma obra designada normalmente como novela, ou romance; todavia, podemos constatar ali a presença dos vários gêneros cultivados na época; a mistura dos gêneros não é algo estanque, mas está relacionada à ação principal, do cavaleiro e do escudeiro.

Há dois episódios pastoris com os quais os protagonistas se envolvem; são nobres travestidos de pastores; o primeiro chama-se Crisóstomo e morre de amor por Marcela, que se tornara pastora para viver livremente; era bela e cobiçada por todos, mas ela a todos igualmente repelia. Quando se fez pastora, muitos fidalgos e ricos mancebos também tomaram o traje de pastores para a seguirem. De Crisóstomo diziam que não lhe queria, mas sim que a adorava. Marcela, no entanto, era recatada e honesta e embora não fugisse à companhia de seus iguais, limitava-se a tratá-los cortês e amigavelmente. Descobrimos qualquer intenção matrimonial, afugentava-os. Crisóstomo morre de amor; Marcela defende o seu direito de amar sem coações e de escolha da forma de viver; é uma personagem enamorada da liberdade. Dom Quixote e Sancho, juntamente com um grupo de pastores reais, isto é, não travestidos, dirigem-se ao enterro do fingido pastor.

Cardênio é o outro pastor travestido que enlouquece por ter sido desprezado por Lucinda. Embrenha-se no mais profundo da mata e periodicamente tem acessos de loucura.

Podemos observar a presença da lírica em diversos momentos da obra; no capítulo XVIII, da segunda parte, Dom Quixote encontra o cavaleiro do Verde Gabão, o qual o conduz até seu palácio e apresenta-lhe o filho, Dom Lourenço, que é poeta. Acontece então uma sessão lírica onde o nobre lê para Dom Quixote os seus poemas e este os julga positivamente, louva o engenho do poeta considerando-o dos melhores. O narrador, entretanto, ironiza: “Não é bom dizer o autor que muito folgou Dom Lourenço com os elogios de Dom Quixote, apesar de o ter por louco?”

Seriam bons os poemas do nobre? Deveria o leitor acreditar em Dom Quixote ou levar em conta a ironia do narrador? Teria o cavaleiro motivos para adular o poeta? Dom Lourenço diz que ele é um louco com

intervalos lúcidos. Sua opinião estaria vinculada a qual dos dois estados?

Observamos que, através desse episódio, Cervantes se abstém de julgar a poesia; limita-se a apresentar diferentes pontos de vista: o do poeta autor, o de Dom Quixote e o do narrador, contrapondo-se apenas.

A presença do gênero picaresco também pode ser notada no livro; corresponde à situação inversa dos propósitos idealistas do cavaleiro e das novelas de cavalaria. Sancho Pança, pela sua forma de ver o mundo, perfeitamente limitada pela materialidade, pela sua condição de escudeiro, quase um criado, alguém que está sob as ordens de outrem e a quem cabe realizar serviços subalternos pode ser visto como pícaro. Sancho é pobre e constitui o seu modo de ser o querer livrar-se de tarefas trabalhosas que exigem físico ou mental. O fato de seguir Dom Quixote pela promessa de ganhar o governo de uma ilha mostra o ideal de vida da personagem: ganhar a vida fácil, sem muitas exigências disciplinares.

Sobre a presença dos vários gêneros literários no livro, resta considerar as novelas de cavalaria.

A obra possui, explicitamente, uma proposta ligada às do gênero das novelas de cavalaria. Entretanto, o autor, no prefácio da primeira parte, registra a opinião de um amigo que o insta a ter em mira “derrubar a mal fundada máquina destes cavaleirescos livros aborrecidos de muita gente, e louvados e queridos de muita mais”. É preciso ressaltar que o autor não apresenta este objetivo como seu, é o amigo que, entre outros conselhos, também o exorta a esse respeito. Aqui, instala-se novamente a ambigüidade. Por essa razão, a crítica, tradicionalmente, dividiu-se em duas posições: a maioria considera a obra uma paródia das novelas de cavalaria, tomando-a então como crítica mordaz a esse tipo de ficções; outros mantêm uma posição contrária; Borges observa que a novela “é menos um antídoto dessas ficções do que uma secreta despedida nostálgica” (Obras completas).

A paródia traz em si o princípio da inversão dos valores; assim, enquanto as tradicionais novelas de cavalaria idealizavam um herói forte, valoroso, perfeito, amoroso, que não passava pelas necessidades materiais e humanas, a sua paródia vai mostrar o contrário: um indivíduo imperfeito, sujeito às abjetas condições da existência, pobre, ridículo ...

Na paródia o “real” sobrepuja o ideal.

Seria Dom Quixote esse anti-herói da cavalaria andante, que se dana porque não quer (ou não pode) enxergar a “realidade” e admitir o seu peso?

A obra nos oferece, novamente, uma resposta ambígua; por um lado, Dom Quixote é um cavaleiro decadente: armas, cavalo, armadura, escudeiro,... Tudo enfim aponta para uma situação inferior à dos antigos heróis; por outro lado, é preciso considerar que ele só é louco em certos momentos, quando se refere às obras e situações de ficção; no mais, emite lúcidas opiniões e faz observações muito sábias; não pode, portanto, ser visto apenas como um elemento paródico dentro da estrutura da obra.

Devido à diversidade de perspectivas e à extrema artificialidade que a conformam, cada intérprete pode ver na obra de Cervantes o que deseja; por isso, a tradição crítica da mesma é múltipla, e, no seu conjunto, muitas vezes, contraditória.

Quanto à filiação artística e histórica, por exemplo, para Arnold Hauser, ela é representativa do Maneirismo; para Helmut Hatzfeld, do Barroco; para Américo Castro, do Renascimento.

O Maneirismo, segundo Hauser, é um período histórico da arte que se desenvolveu no século XVI, juntamente com o Barroco. Enquanto a maior parte das teorias sustentam que o Maneirismo foi um período curto, Hauser amplia consideravelmente a sua abrangência. As duas tendências nem sempre se contrapõem, ao contrário, parecem estar interligadas. Os artistas desse período são tão realistas como idealistas e esta heterogeneidade é indício de fragmentação de todos os critérios de realidade, o resultado da tentativa de harmonizar a espiritualidade da Idade Média e o realismo da Renascença. Para o teórico, Cervantes, na sua relação com as novelas de cavalaria é inteiramente determinado pela ambivalência da abordagem maneirística da vida. Vacila entre a justaposição de um idealismo fora do mundo e de um senso comum de caráter terreno” (1982, p. 529). Considera maneiristas em **Dom Quixote**, diversos aspectos: o estilo caprichoso e grotesco da apresentação, a natureza arbitrária, informe e extravagante da sua estrutura, o deleite insaciável que o narrador sente em introduzir novos episódios, comentários e diva-

gações, a união de características do romance idealista de cavalaria e do romance vulgar pitoresco, entre outros.

Helmut Hatzfeld, em seu livro sobre o Barroco (1988), elabora uma análise estilística de **Dom Quixote**, mostrando que a utilização específica de certas figuras constituem um procedimento Barroco. Suas conclusões se baseiam quase exclusivamente na análise estilística, pois reconhece que defender a tese de um Cervantes ideologicamente Barroco é muito difícil. Observa que “O **Quixote** nos impressiona ainda hoje como um edifício barroco, contemplado por todos os lados: fachada, parte trazeira ou lateral; o livro é sempre o mesmo e sempre diferente, evasivo, protético, incaptável em sua essência rica demais, e pelas numerosas constelações de seus diversos aspectos e fatores” (p. 226).

Ao referir-se a “edifício barroco” quer chamar a atenção para a forma, a construção, o conjunto, mas quanto às possibilidades significativas da obra, a conclusão de que ela é evasiva, incaptável parece insuficiente.

A crítica de Américo Castro liga Cervantes ao pensamento renascentista e humanista. Esse posicionamento se justifica principalmente com base na idéia, tematizada em **Dom Quixote**, de que o mundo existe em forma de uma desrazão generalizada. Semelhante concepção já fora desenvolvida por Erasmo de Roterdã em sua obra: **Elogio da loucura**. Erasmo foi um humanista que exerceu uma influência considerável em todos os meios cultos da Europa de seu tempo. Essa influência perdurou e, segundo dados biográficos, Cervantes fora discípulo de Lopes de Ojeda, um erasmista convicto e um mestre eminente na época.

Através dos elementos apresentados, podemos observar que um projeto de estudos críticos do Quixote é indefinido. Uma obra multifacetada como esta continuará, como até aqui, a desafiar os séculos para que a interpretem; não há, nem poderá haver uma conclusão definitiva, exatamente porque Cervantes não a quis fornecer. As respostas e afirmações conclusivas, categóricas sobre o texto são arbitrárias e a postura crítica mais adequada nos parece ser aquela que deixa a ele próprio a tarefa de expressar-se. Pretendemos, assim, propor uma aproximação mais direta e genuína com a obra, numa tentativa de resgatar uma das

funções essenciais do texto ficcional: o prazer da leitura; e este, possivelmente, é um dos aspectos mais relevantes que o texto cervantino apresenta, esquecido, todavia, em decorrência do trabalho dos séculos em prol da institucionalização.

E, se o texto pode nos falar tão diretamente hoje, como provavelmente o fez outrora, seria possível esquecer Dom Quixote?

Fernando Savater, em **Instrucciones para olvidar el Quijote y otros ensayos generales** (1985), elabora uma crítica à obra a partir de certas atitudes das personagens e da construção da narrativa, é claro, não sem antes advertir que “personagens não são passíveis de crítica, mesmo porque não existem de fato”, razão pela qual a análise toma por objeto a transfiguração mítica que tais atitudes acabaram por gerar em termos sociais e morais. Enfoca o problema da violência que há no romance (**Dom Quixote** e suas cutiladas), o fato de que Dom Quixote não ouve a voz do real e caminha obsessivamente para a sua destruição, etc. Crítica também certas posições críticas, como a de Ortega y Gasset, que estabelece uma relação entre a obra e o destino espanhol.

Essa espécie de crítica, aparentemente inovadora, segue, entretanto, os caminhos tradicionais, sempre preocupados em atribuir à literatura uma finalidade moral e uma responsabilidade que a sua natureza não comporta. Dom Quixote não está aí para ser tomado como exemplo, nem para ser condenado como anti-exemplo; sua função é outra: como figura representativa, o seu papel é apenas configurar aspectos relativos à condição humana, sobre a qual não há verdade absoluta a ser estabelecida. Eis o que Cervantes nos revela nessa obra, razão suficiente para assinarmos a eterna impossibilidade de esquecer **Dom Quixote**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **Dom Quixote** (2 v.). São Paulo: Circulo do Livro, 1987.

HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. São Paulo:

Mestre Jou, 1982.

HATZFELD, Helmut. **Estudos sobre o barroco**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SAVATER, Fernando. **Instrucciones para olvidar el "Qijote" y otros ensaios generales**. Madrid: Taurus, 1985.